



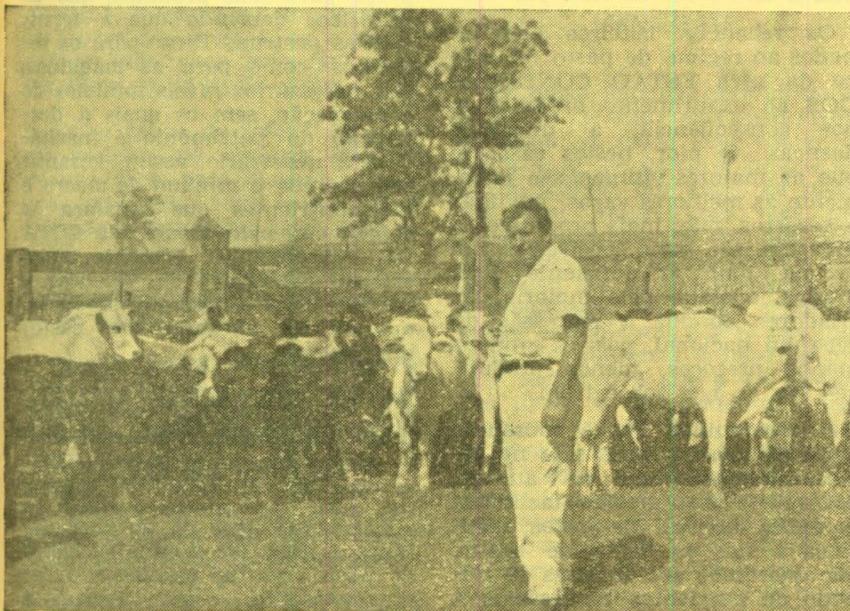
TORTUGA

COMPANHIA
ZOOTÉCNICA AGRÁRIA

A CIÊNCIA
E A TÉCNICA
A SERVIÇO
DA PRODUÇÃO
ANIMAL

NOTICIÁRIO TORTUGA

ROBERTO SOLIVA



O Dr. Roberto Soliva, diretor-gerente da Fazenda Jangada, de Guararapes (NOB), mostra um lote de bezerros mestiços filhos de vaca Nelore inseminadas com sêmen congelado importado dos Estados Unidos. Os brancos são filhos de touro Charolês e os escuros de touro Sta. Gertrudis.

Em seu pôsto de intenso trabalho, deixou-nos um amigo sincero. Com apenas 43 anos, após numerosos e importantes empreendimentos, Roberto Soliva foi descansar.

Consagrou sua vida inteiramente ao trabalho. A êle dedicou-se com tanta intensidade e abnegação, com tanto entusiasmo e tamanhos foram os sucessos conseguidos, que se tornou um verdadeiro líder da pecuária e agricultura.

Como poucos, nasceu com o inconfundível dom de idealizar e organizar empreendimentos que, pela sua extraordinária capacidade de trabalho, se convertiam logo em realidades admiráveis.

Amou o progresso, que seu grande espírito de iniciativa fazia presente em todos seus passos.

Franco, sincero, leal, confiante e altruista, deixou, com sua morte, indelével saudade na imensa fileira de seus amigos e admiradores.

Na foto, vemo-lo ao lado de uma das muitas de suas esplêndidas realizações. Escolhemos, para esta homenagem, uma foto onde o tivéssemos em seu ambiente — o trabalho — porque assim o queremos em nossa memória: vivo, no seio da vida que criou para o progresso da técnica.

Sua obra na Fazenda Jangada, que dirigiu por vários anos, é recordação perene de uma personalidade excepcional.

2º ANO

MAIO DE 1967

N.º 142

ALIMENTAÇÃO RACIONAL DOS BOVINOS NA SÊCA

DR. F. FABIANI

Ao que tudo indica, êste ano teremos sêca intensa, pois seus efeitos prejudiciais começam a surgir. Torna-se útil, portanto, repetir o que já acentuamos nestes artigos.

Sabe-se que, para a produção quer de carne, quer de leite, o animal **NECESSITA DE UM MÍNIMO DE PROTEÍNA DIGERÍVEL** e que, no período da sêca há sensível queda no teor protéico dos capins. Pois bem. Enquanto na época das chuvas, quando existe nos pastos capim verde abundante, as novilhas nêle encontram suficiente quantidade de proteína (teor médio de 8% na matéria sêca), na época da sêca o animal terá que ingerir de 30 a 35 kg de capim sêco por dia (teor médio de 3 a 4% de proteína de baixa digestibilidade), para satisfazer às necessidades apenas de manutenção. **O QUE NA PRÁTICA EVIDENTEMENTE NÃO ACONTECE.**

Por êsse motivo, na "sêca brava", os novinhos não só param de se desenvolver, como perdem peso e, não raro, adoecem, pois, alimentando-se de pastos carentes de proteínas, minerais e vitamina A, vêem-se forçados a "comer" a propria carne para poder viver.

Ainda em pior situação encontram-se as vacas leiteiras, as quais, pelo maior desgaste a que estão sujeitas (produção leiteira e gestação) não encontram meios **NEM AO MENOS PARA SUBSTITUIR O QUE FOI GASTO COM A PRODUÇÃO, ATINGINDO EM POUCO TEMPO ESTADO LASTIMÁVEL DE EXAUSTÃO.**

Não cansaremos de insistir na urgência que têm os criadores brasileiros de seguir o que já provamos, experimental e praticamente, ser vantajoso: redução do re-

banho, para lhe dar melhor trato e obter melhor produção, pois é **MUITO MAIS VANTAJOSO** criar número menor de vacas bem alimentadas, do que um grande número de vacas que, por **FOME PROTÉICA, MINERAL E VITAMÍNICA**, produzem apenas de dois a três litros de leite por dia.

Os rebanhos leiteiros abandonados ao regime de pasto na época da sêca **ESTÃO CONDENADOS** ao exaurimento orgânico e, por conseqüência, a inúmeras doenças. O pior, nestes casos, é que as maiores vítimas são justamente as melhores vacas, novilhas e bezerros, que, mais produtivos e precoces, são mais sensíveis a um regime alimentar deficiente. Esta prática, adotada pela maioria dos criadores, conduz à regressão do rebanho nacional, pois os animais menos precoces, menos produtivos são os que sobrevivem.

A tuberculose, que é sobretudo conseqüência da fome, seja na espécie humana, seja na animal, propaga-se com grande facilidade na época da sêca. Os pastos, reduzidos a fios de palha de capim, não oferecem aos animais o mínimo de nutrientes necessários à manutenção. Intensamente difundida, a peste branca ganha terreno em nossos rebanhos, graças à fome protéica e mineral.

Deve, portanto, o criador brasileiro adotar um sistema econômico de alimentação, mas que atenda de modo satisfatório às exigências dos animais, tanto no que respeita à cota de manutenção como à de produção.

QUANDO OS PREÇOS DOS PRODUTOS ZOOTÉCNICOS NÃO COMPENSAM UMA ALIMENTAÇÃO DE PRODUÇÃO ABUNDANTE, TORNA-SE INDISPEN-

SAVEL, ao menos, uma alimentação equilibrada, pois é necessário conservar intacto o patrimônio. O criador, que não se preocupa em manter o rebanho em bom estado, faz a mesma falsa economia do industrial que, parando suas máquinas por não encontrar bom preço para seus produtos, não as lubrifica, deixando que a ferrugem as destrua. Tanto para os rebanhos como para as máquinas são necessários níveis mínimos de conservação, sem os quais a destruição do patrimônio é inevitável. É necessário, assim, garantir aos bovinos o mínimo de macro e micronutrientes que satisfaca às exigências, pelo menos, da **COTA DE MANUTENÇÃO**. Somente assim estarão protegidos das doenças e prontos para entrar em produção, quando da chegada dos pastos abundantes.

SUPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR NA SÊCA, PARA OS NOVILHOS DE CORTE

É evidente que os novinhos durante a sêca, em regime exclusivo de pasto, não só paralisam o desenvolvimento, como chegam a perder peso.

Nesta época é indispensável, portanto, para prevenir-se a parada do desenvolvimento e o decaeramento, que se lhes suplemente a alimentação. Esta é feita com um concentrado protéico, contendo vitaminas e minerais, ministrado em côchos deixados no pasto. A quantidade oscila de 500 a 700 gramas por cabeça.

VACAS LEITEIRAS

A alimentação das produtoras de leite deve atender às suas ne-

cessidades no que diz respeito: à quantidade e à qualidade das proteínas, aos minerais e à vitamina A.

QUANTIDADE DE PROTEÍNA

— Para se adotar alimentação capaz de suprir às necessidades do gado e estimular ao máximo sua aptidão leiteira, deve-se considerar a QUANTIDADE DE PROTEÍNA. Uma vaca com 400 kg de peso vivo e 8 litros de produção de leite requer as seguintes quantidades mínimas de PROTEÍNA DIGERÍVEL:

a) — Para satisfazer à COTA DE MANTENÇA: 50 gr por 100 kg de peso vivo. Assim, uma vaca de 400 quilos necessitará de 200 gr.

b) — Para satisfazer à COTA DE PRODUÇÃO: 50 gr por litro de leite produzido (8 litros = 400 gr).

TOTAL DE PROTEÍNA DIGERÍVEL: 600 GR

Em regime exclusivo de pasto de catigueiro ou gordura, termos:

a) Na época das chuvas (8% de proteína digerível na matéria seca), para ser preenchida a necessidade, uma vaca teria que ingerir cerca de 40 kg de capim.

b) Na época da "seca" (3 a 4% de proteína na matéria seca), a mesma vaca, para manter a mesma produção, teria que comer aproximadamente 60 kg de capim.

Para as vacas prenhes, seria necessário acrescentar ainda a cota de gestação.

QUANTIDADE INSUFICIENTE DE PROTEÍNA NA RAÇÃO, ALÉM DE PREJUDICAR O ORGANISMO E A PRODUÇÃO LEITEIRA, diminui a eficiência digestiva do rúmen, porque deprime o desenvolvimento da flora microbiana, o que traz como consequência a queda da assimilação.

QUALIDADE DA PROTEÍNA

— Nossas experiências e inúmeras demonstrações em fazendas leiteiras mostraram claramente que é bem melhor para a produção, prolongamento da lactação, saúde e nutrição da vaca leiteira a administração de proteínas de procedência variada. A ração, por exemplo, contendo proteínas das tortas de algodão, amendoim, soja, linhaça e dos produtos de fermentação é bem mais eficiente do que outra com proteína de apenas uma fonte. **MOSTRA-SE BEM MAIS EFICIENTE UMA RAÇÃO COM 16% DE PROTEÍNA, COM TODOS OS AMIONÁ-**

CIDOS INDISPENSÁVEIS, NAS QUANTIDADES MÍNIMAS REQUERIDAS, DO QUE UMA RAÇÃO COM 22% DE PROTEÍNA DE UMA ORIGEM ÚNICA E COM AMINOÁCIDOS EM DESEQUILÍBRIO.

Destacamos primeiramente a proteína, porque as rações são habitualmente, quantitativa e qualitativamente, deficientes neste nutriente. Seguem-na, em ordem de importância: os minerais, principalmente o fósforo, que se encontra constantemente em deficiência; e a vitamina A, carente na época da seca.

PODE-SE AFIRMAR QUE A PRODUÇÃO LEITEIRA, ASSIM COMO A SAÚDE E A LONGEVIDADE DAS VACAS, ESTÃO DIRETAMENTE LIGADAS AS PROTEÍNAS, AOS MINERAIS E ÀS VITAMINAS. Na prática, os criadores, que suplementam seus rebanhos com misturas ricas em proteínas, minerais e vitaminas, conseguem alcançar produções elevadas e compensadoras e são possuidores de rebanhos sadios e inunes à tuberculose.

MINERAIS

As vacas leiteiras necessitam de cálcio e fósforo em quantidades elevadas. A ração deve conter de 3,5 a 4 gr de cálcio e de 2,5 a 3 gr de fósforo por quilo de matéria seca. Assim, uma vaca, que produz quinze litros de leite, precisa receber 40 gr de fósforo e 60 de cálcio por dia. Sabendo-se que a assimilação do cálcio e fósforo chega, no máximo, a 50% nas misturas dos minerais a base de fosfato bicálcico e que a do fósforo das tortas e das sementes atinge a apenas 1/3 do total nelas contido, conclui-se que são relativamente elevadas as doses desses minerais que uma vaca leiteira tem que receber. A administração de uma boa mistura mineral, na dose diária de 60 a 100 gramas por cabeça, durante um a dois meses, produz resultados que comprovam claramente o que acima preconizamos. Esses resultados, traduzidos em melhor produção e bom estado geral do rebanho, são indicação segura de que a boa mineralização das vacas leiteiras é prática vantajosa.

Ao preparar a mistura mineral, deve o criador considerar as quantidades mínimas de cálcio e fósforo necessários aos animais, durante as várias fases da vida. Assim:

a) PARA A COTA DE MANTENÇA, que garantirá as disponi-

bilidades para todas as funções orgânicas, abstraídas a produção, gestação e crescimento — 5 gr de cálcio e 3 de fósforo, por 100 kg de peso vivo.

b) BOVINOS EM CRESCIMENTO — 0,16 gr de cálcio e 0,12 de fósforo por quilo de peso vivo.

c) VACAS EM PRODUÇÃO — 2,5 a 3 gr de cálcio e 2 a 2,5 de fósforo, por quilo de leite produzido.

d) VACAS EM GESTAÇÃO — 60 gr de cálcio e 5,5 de fósforo por 100 kg de peso vivo.

OBTER LEITE, BEZERROS E CONSERVAR A SAÚDE DE UMA VACA ABANDONADA EM UM PASTO FORMADO POR UMA ÚNICA GRAMÍNEA É VERDADEIRA UTOPIA. É indispensável considerar que o perfeito laboratório, constituído pelo aparelho digestivo do bovino, para atingir índice elevado de conversão alimentar, tem que dispor de todos os elementos necessários, os quais não se encontram no pasto acima. Dentre eles, hidrocarbonados de rápida fermentação (fubá, mandioca, cana de açúcar), que agem favoravelmente na síntese das vitaminas e demais fenômenos ocorrentes no rúmen.

VITAMINA A

A assimilação dos alimentos pelas vacas leiteiras e pelos bezerros, que recebem ração com insuficiente quantidade de vitamina A, é seriamente prejudicada. Fato que explica, em boa parte, a "quebra" na produção leiteira, especialmente na segunda metade da seca, quando as vacas não encontram caroteno suficiente no pasto e já estão com suas reservas esgotadas (fígado). Neste momento, mais se agrava a economia do criador, com os gastos elevados, pelo emprego de quantidades excessivas de ração (tortas, mandioca, farelos e outros produtos paupérrimos de caroteno).

Quando a ração contém milho desintegrado ou quando os animais dispõem de boa silagem deste cereal, não aparecem esses contratempos. A boa silagem é feita de milho verde, mediante fermentação correta.

A grande pobreza de vitamina A dos nossos pastos de gramíneas, na época da seca, é responsável pela irregularidade do cio, pelos abortos de origem não infecciosa e pelo nascimento de bezerros ex-

tremamente fracos, condenados à morte. Estes casos, infelizmente, são comuns no gado de campo, que, juntamente com a carência de vitamina A, sofre de carência mineral. Ambas, provocando fraqueza e sensibilidade às doenças, podem ser responsabilizadas por mais de 50% dos bezerros mortos. Em verdade, o bezerro filho de vaca em carência de vitamina A, além de nascer fraco, irá amamentar-se de um leite também pobre neste fator; então, bastará o sereno de uma noite, ou uma chuva para provocar "pneumonia, que, agravada pela enterite ou curso, o levará à morte.

Contudo, se dermos aos bezerros, desde o primeiro dia de vida, doses elevadas de vitamina A, con-

seguiremos criá-los facilmente, graças à prevenção da pneumonia e do curso, que normalmente acarretam a morte a 80% dos bezerros.

Há, portanto, necessidade de suplemento vitamínico, especialmente durante a seca.

COMO PROVOCAR O CIO DURANTE A SÊCA

Neste período do ano, particularmente se fôr prolongado, nota-se sensível diminuição do número de vacas em cio. No Brasil, pode-se atribuir esse fenômeno a dois fatores: a) carência de fósforo; b) carência de vitamina A,

quando houver ausência prolongada de verde no pasto.

Experimento nosso comprova esse fato: na seca, quando já não havia verde no pasto, aplicamos injeções fornecedoras de fósforo, em vacas que não entravam em cio, e puzemos-lhes à disposição, no côcho, mineral puro com alto teor de fósforo. Após certo tempo, constatamos grande consumo do mineral (sinal evidente de carência). Logo em seguida as vacas, em elevada porcentagem, iniciavam o cio e eram fecundas.

Essa experiência, assim como inúmeras outras de técnicos do mundo inteiro, provam a importância dos minerais e os prejuízos que sua falta acarreta.

SUPERBOVIGOLD K6

Concentrado protéico, vitamínico e mineral

PERMITE — preparar uma ração completa, com produtos da fazenda

POSSIBILITA — o aproveitamento de farelos e tortas

GARANTE — ração pura com quantidades exatas de proteínas, minerais e vitaminas

FACULTA — produzir ração sempre uniforme

EVITA — os perigos das rações estocadas por longo tempo e mal conservadas

ELEVA — a produção leiteira ao máximo, sem provocar quaisquer esgotamentos e distúrbios

Fábrica — R. Progresso, 219
(Sto. Amaro) SP.



Filial — Av. Farrapos, 2953 —
P. Alegre (R.G.S.)

Escritório — Av. Santo Amaro, 6974 — Tels: 61-1712 e 61-1856 — S.P.